



RUAS E INTELIGENCIAS URBANAS **por uma governança inteligente e sustentável do Centro Histórico do Recife**

C. Duarte¹ & P. Fernandez² & Y. Ferguson³

¹*UNICAP, Curso de Arquitetura e Urbanismo; Universidade Católica de Pernambuco, Brasil*
clarissa.duarte@unicap.br

²*ENSAT, Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Toulouse, France*
pierre.fernandez@toulouse.archi.fr

³*ICAM, Institut Catholique d'Arts et Métiers, Toulouse, France*
yann.ferguson@icam.fr

RESUMO

A proposta de artigo ora apresentada tem como **objetivo** investigar metodologias de pedagogia urbana capazes de contribuir com uma governança urbana mais inteligente e sustentável. Operacionalmente, trata-se do desenvolvimento e análise de exercícios coletivos inseridos numa pesquisa-ação cuja **hipótese** defende que “a rua é a unidade síntese da cidade e, por isso, a partir do seu planejamento integrado e inclusivo, é possível catalisar a conquista de cidades mais saudáveis e sustentáveis”. Exploraremos aqui o processo e resultados preliminares de um atelier de pedagogia urbana denominado “Inteligências do Centro e pelo Centro: que intenções e ações?”, preparado à luz de conceitos como o de “Inteligências Urbanas” (MATTERN, 2021) e o da “Rua Cidadã” (DUARTE at all, 2018), além da abordagem dos “Territórios de Aprendizagem” de Gwiazdzinski, L. & Cholat, F. (2021). Como **resultado** esperado, pretende-se valorizar as discussões sobre o papel estratégico das ruas e das inteligências humanas na governança e planejamento integrado das cidades (2022).

Palavras-chave: Ruas, Inteligências Urbanas, Pedagogia Urbana, Governança urbana sustentável.

Linha de Investigação: 1. Cidade e Projeto

Tópico: Planejamento, Políticas e Governança

ABSTRACT

The article presented here **aims to** investigate methodologies of urban pedagogy capable of contributing to a more integrated and inclusive urban governance. Operationally, it is about the analysis of collective exercises inserted in an action research whose **hypothesis** defends that “the street is the synthesis unit of the city and, therefore, from its integrated and inclusive planning, it is possible to catalyze the conquest of healthier and more sustainable cities”. We will explore here the process of an urban pedagogy workshop called “Intelligences of the Center and for the Center: what intentions and actions?”, prepared in the light of concepts such as “Urban Intelligences” (MATTERN, 2021) and “Citizen Street” (DUARTE at all, 2018), in addition to the approach of “Learning Territories” by Gwiazdzinski, L. & Cholat, F .(2021). As an **expected result**, it is intended to value discussions on the strategic role of streets and human intelligence in city governance.

Keywords: Streets, Urban Intelligences, Urban Pedagogy, Sustainable Urban Governance.

Thematic clusters: 1. City and project

Topic: Planning, Policies and Governance

1. Introdução e Conceituação: inteligências e territórios de aprendizagem

“Sim, reconstruir a cidade sobre si mesma é complexo, mas é justamente isso que torna o exercício emocionante. Vamos assumir a complexidade, vamos despejar menos concreto e apostar na inteligência, outra massa cinzenta, formando e mobilizando as competências necessárias”. (GRISOT, 2021)

Em tempos de encantamento e supervalorização da “Inteligência Artificial” (IA) na concepção, governança e funcionamento das cidades, nos deparamos com a inevitável busca pela (re)afirmação do papel da “Inteligência Natural” ou “Inteligência Humana” no fazer e viver urbano. A cidade é e deve ser feita por quem? Para quem? Que estímulos podem mobilizar a transição que precisamos? Ao buscar contribuir com a discussão sobre o papel estratégico das ruas, do seu planejamento integrado e da inclusão social na governança das cidades, iniciaremos nossa contribuição cruzando alguns conceitos preliminares que nos parecem importantes para embasar o desenvolvimento desta análise.

1.1. Inteligências urbanas e colaboração em rede

Nesta primeira parte da introdução buscaremos compreender a abordagem recente de “Inteligência Artificial Urbana” (*Urban IA*) definida por Popelka et al (2023) face ao conceito de “Inteligência Urbana (IU)”, defendido pela professora e escritora Shannon Mattern (2021).

Segundo Popelka et al (2023), “as Inteligências artificiais urbanas são o resultado de uma co-produção entre a cidade (infraestruturas e inteligências humanas) e os dados que ela produz, alimentando os sistemas de inteligência artificial, enquanto a inteligência artificial e seus resultados servem para moldar e alterar a cidade (as infraestruturas e inteligências humanas) ao mesmo tempo.”¹ Nesta mesma abordagem, ao defender a existência de uma “anatomia da inteligência artificial urbana”², os autores destacam oito camadas da *inteligência artificial urbana*, sendo a primeira “as infraestruturas urbanas” (como suas ruas, redes e edificações) e a última denominada “tomada de decisão e adaptação” que, por sua vez, é dependente do que poderíamos chamar de “inteligências urbanas naturais ou humanas.

¹ Popelka, S; Zertuche, L.N; Beroche, H. *Urban AI Guide*. 2023.
<https://drive.google.com/file/d/1VhKuKH2FwEJ-RWDICD3NZObT-Pa3ukgV/view>

² Idem

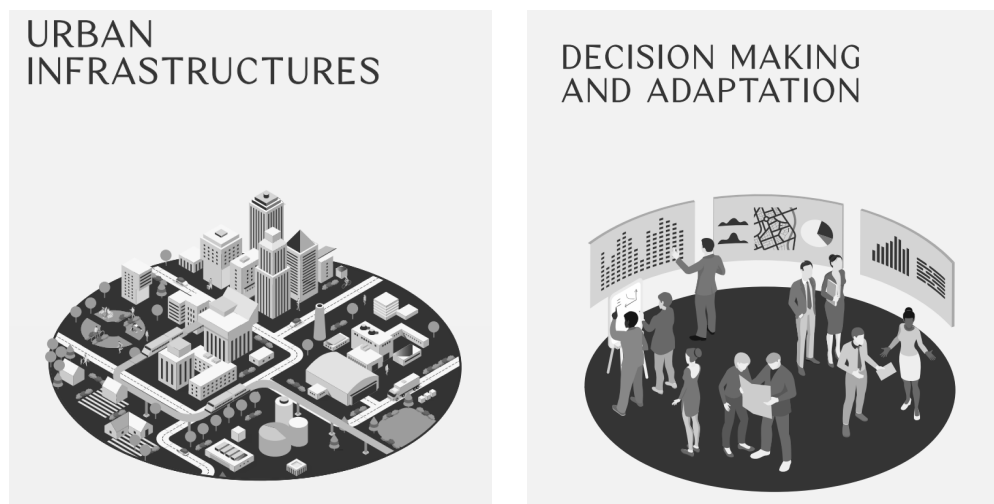


Figura 01. Primeira e última camada da “Anatomia da Inteligência Artificial Urbana”, respectivamente.
Fonte: Urban AI Guide. 2023.

Em contrapartida, no seu livro denominado “A cidade não é um computador: outras inteligências urbanas”, Shannon Mattern (2021) defende que “embora sistemas automatizados supostamente imparciais possam parecer eliminar ineficiências e preconceitos do trabalho humano e dos processos deliberativos, eles acabam por impor suas próprias desigualdades codificadas e lógicas limitantes”³ (...). Eles visam fundir ideologias tecnocráticas, gerencialismo e serviço público, para reprogramar os cidadãos em “consumidores” ou “usuários”. A filtragem do desenho urbano e da administração por meio de algoritmos e interfaces tende a agrupar essas preocupações confusas e difusas que os algoritmos “simplesmente não sabem calcular.” Interessada em como a informação se manifesta no mundo construído, Mattern desenvolve sua crítica tecendo uma comparação entre as redes de conhecimento artificiais ou digitais com as múltiplas relações de trocas e saberes humanos que se desenvolvem nos ambientes das bibliotecas públicas, principalmente as contemporâneas.

Reunindo as recentes abordagens de Mattern (2021) e Popelka et al(2023) concluímos até então que, em que pese a importância irreversível da inteligência artificial e tecnologias digitais nos processos de planejamento, governança e funcionamento urbano, as inteligências urbanas humanas e as infra estruturas físicas das cidades demonstram-se ainda como principais fontes propulsoras e geradoras de dinâmicas e informações. A relação entre seres e dados urbanos, portanto, não deve ser vista como um confronto dialético, mas como uma rede híbrida, colaborativa e complementar. A discussão que aqui trazemos para reflexão indaga a posição e protagonismo humano, seja na etapa de “entrada” (input) como de “saída” (output) desses dados urbanos. Em outras palavras, não devem ser as vidas urbanas (humanas ou não) as protagonistas das causas e consequências de todos os tipos de colaboração em rede?

Em seu “Manifesto para um Urbanismo Circular”, Sylvain Grisot destaca que “além de habilidades e ferramentas, uma nova forma de pensar torna-se necessária. Determinações econômicas de curto prazo não permitem desenvolver a base coletiva necessária para o desenvolvimento de uma ‘fábrica de cidade’ baseada na circularidade. A colaboração dos atores em seus interesses de longo prazo é essencial, é a passagem do “OU” ao “E”.⁴

³ Mattern, S. C. (2021). *A city is not a computer : Other urban intelligences*. Princeton University Press: 04.

⁴Grisot, S. (2021). *Manifeste pour un urbanisme circulaire : Pour des alternatives concrètes à l'étalement de la ville*. Éditions Apogée:186.

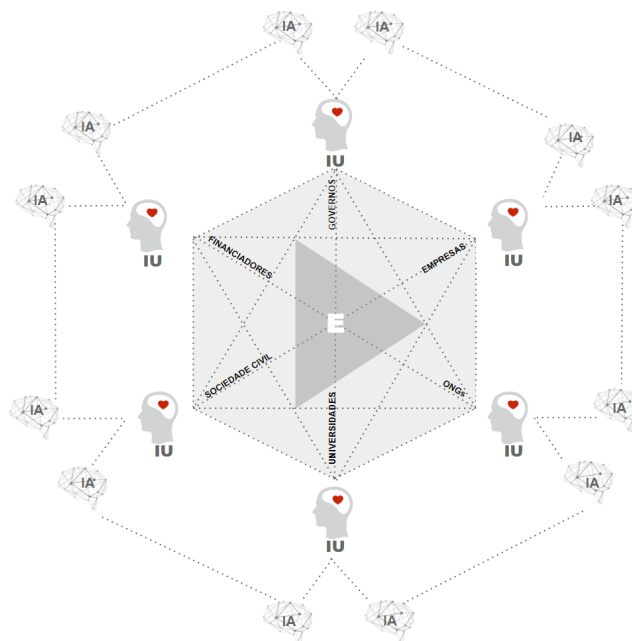


Fig. 02. Rede colaborativa de Inteligências Urbanas. Fonte: Autores, 2023

No infográfico da figura 02 buscamos ilustrar uma possível relação em rede entre a diversidade de “atores humanos”, com suas “sensibilidades” e “inteligências urbanas”, junto ao potencial de performance e escalonamento da Inteligência artificial e/ou ferramentas digitais.

Quanto ao reconhecimento da importância da participação e inclusão social nas narrativas políticas, parece já ser ponto passivo, principalmente quando os desafios norteadores propagados são a “sustentabilidade” e as “emergências climáticas”. Mas, até que ponto o **poder público** e os **poderes econômicos** estão de fato incluindo os demais atores sociais? As **inteligências acadêmicas** e aquelas das **organizações não governamentais** estão participando ativamente da construção das cidades do futuro? O potencial das **pequenas empresas** e dos atores de **grupos sociais menos favorecidos** está sendo considerado na construção de políticas públicas menos desiguais? Redes e “hubs” não nos faltam. O que ainda nos parece faltar são “mecanismos conectores” capazes de sensibilizar, mobilizar e ativar o maior número de redes colaborativas existentes rumo à transição necessária.

1.2. A rua como território integrador de inteligências e oportunidades de aprendizagem

Destacamos no início que este texto parte da hipótese que “a rua é a unidade síntese da cidade e, por isso, a partir do seu planejamento integrado e inclusivo, é possível catalisar a conquista de cidades mais saudáveis e sustentáveis” (DUARTE, 2020)⁵. A antropóloga Sônia Lavadinho alerta que “a Rua é o DNA da cidade” e que “o desafio da próxima década será o de redistribuir os milhares de quilômetros de vias das cidades em favor da função cívica, além da função circulatória”⁶. Esta mesma autora defende a transposição de um modelo de cidade apenas “funcional” para outro onde as relações entre as pessoas protagonizam os diversos processos e decisões urbanas. “A cidade relacional” é, segundo a mesma, “uma cidade capaz de encontrar soluções satisfatórias para dar lugar, verdadeiramente, às relações entre os seres humanos”⁷.

⁵ DUARTE, Clarissa. *Espaços Públicos e Sustentabilidade: cultura, governança e projeto*. Projeto de Tese doutoral da Universidade de Toulouse (Escola Doutoral TESC). Toulouse: ENSA-LRA, 2020.

⁶ LAVADINHO, Sonia. Pour une Lecture Cinématique de la Ville. in *Revue Belvedere*, n07, Toulouse: aua/T, 2022:20-23.

⁷ Lavadinho, S., Le Brun-Cordier, P., & Winkin, Yves. (2022). *La Ville Relationnelle* (1ère). Bfluid éditions: 11.

O conceito da Rua Cidadã (DUARTE at all, 2018) surge de estudo precedente⁸ que, ao tentar buscar estratégias de planejamento para reforçar a coexistência humana no espaço público da rua, identifica os chamados “*elementos de desenho da coexistência*” e suas propriedades socioespaciais, destacando a importância de quatro elementos urbanos com potencial de promover a segurança e o conforto das pessoas nas ruas e, conseqüentemente, estimular o bem estar e as relações sociais e naturais do cotidiano.

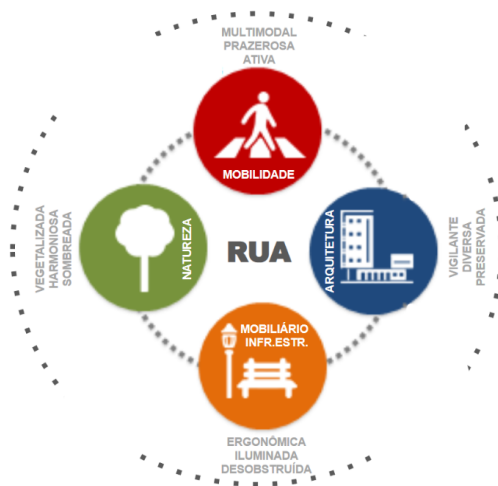


Figura 03. Elementos da Rua Cidadã e seus atributos; Fonte: DUARTE at all, 2018, editado pelos autores

Constatou-se que a *arquitetura* (com sua interface construída e seus usos), a *mobilidade* (incluindo todos os meios e superfícies de deslocamento), a *natureza urbana* (com todas as suas espécies), o *mobiliário urbano e redes de infraestrutura* precisam ser planejados de maneira integrada e complementar para que a cidadania e saúde integral das pessoas e do ambiente urbano sejam alcançadas. Mais adiante, buscando incluir essa visão sistêmica da Rua em regulamentações e políticas públicas locais da cidade do Recife (Brasil) definiu-se em pesquisa coletiva o conceito da “Rua Cidadã”⁹ como “o espaço público articulador de lugares e pessoas, concebido de maneira integral, onde as edificações, a mobilidade, a vegetação e o mobiliário urbanos demonstram-se planejados de maneira conjunta e complementar, visando sobretudo a segurança e o conforto das cidadãs e cidadãos”¹⁰.

Ao observarmos a intersecção desses elementos urbanos no espaço da rua constatamos também a infinidade de oportunidades, de dinâmicas e relações socioambientais que esse espaço nos proporciona. Em um só lugar podemos morar, nos divertir, nos encontrar, descansar, comer, trabalhar, trocar, comprar, nos deslocar...Podemos ainda coexistir com pessoas de todos os grupos sociais, raças e culturas. Definitivamente, a rua não é um espaço de passagem, é o lugar para vivenciar, ativamente, as múltiplas oportunidades e relações urbanas ao ar livre. Poderíamos então interpretar a rua como um “mecanismo conector de pessoas e oportunidades” ou “território integrador de aprendizagens”?

⁸ DUARTE, C. (2005 a).

⁹ Duarte et al, 2018: 20.

¹⁰ Para cada um dos 4 elementos da Rua Cidadã evidenciaram-se 12 atributos essenciais, são eles: Diversidade, Permeabilidade e Proporcionalidade (da arquitetura); multimodalidade, desaceleração e permanências (para a mobilidade); vegetação, coerência, sombreamento (para a natureza); ergonomia, iluminação, desobstrução (para o mobiliário) (Duarte et al, 2018).

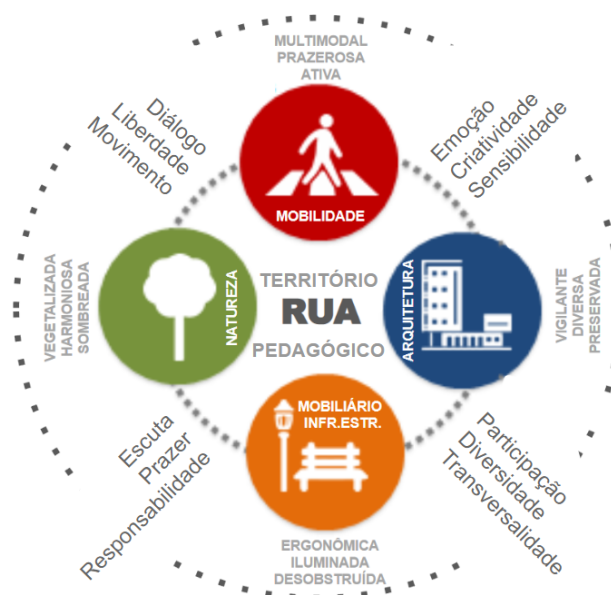


Figura 03. Integração da “Rua Cidadã” e dos” Territórios de Aprendizagem”. Fonte: DUARTE et al, 2018, editado pelos autores

A noção de "território de aprendizagem" de GWIAZDZINSKI & CHOLAT (2021) se apoia principalmente sobre experiências e procedimentos pedagógicos "extramuros", "in loco" e "ao vivo", priorizando a multiplicidade de abordagens¹¹. Os princípios operacionais dos "Territórios de aprendizagem" são 12 segundo os autores: Participação, Diversidade, Transversalidade, Criatividade, Sensibilidade, Emoção, Diálogo, Movimento, Liberdade, Escuta, Rigor e Prazer.

Assim, os atributos ou “poderes” integradores da rua parecem nos revelar uma função educadora, seja como "escritório a céu aberto"¹², como defendem ser os *territórios de aprendizagem* ou mesmo como “ágoras pedagógicas”, plenas de oportunidades para se abordar temas caros como a sustentabilidade e a saúde pública, por exemplo¹³. Relacionando as duas abordagens pretende-se reforçar o papel pedagógico da rua e, integrando-as com os conceitos anteriores, observa-se o potencial sensibilizador, mobilizador que a diversidade de elementos e oportunidades de relações existentes na rua permitem ativar de modo integrado e inclusivo.

2. Metodologia e Desenvolvimento: incluir e integrar inteligências a partir da rua

Esta segunda parte será dedicada à metodologia e desenvolvimento de uma experiência de pedagogia urbana realizada no Centro Histórico da Cidade do Recife, visando identificar o papel da rua na governança integrada e inclusiva e, portanto, sustentável, de territórios urbanos. Os conceitos anteriormente explanados lastream a concepção e análise dos resultados do ateliê urbano. Buscaremos aqui responder a três perguntas principais que motivaram a realização do ateliê: 1) Como podemos identificar se as atuais intenções de atores estratégicos do território são predominantemente convergentes ou divergentes? 2) Podem as ruas do Centro funcionar como possível plataforma de integração e inclusão da diversidade de atrizes e atores e suas respectivas intenções? 3) Que perspectivas se apresentam para prototipar ou concretizar as ações e intenções expressas na escala da Rua, da maneira mais integrada e inclusiva possível?

¹¹ Gwiazdzinski & Cholat, 2021:39

¹² Idem: 39

¹³ Vide relação entre saúde e sustentabilidade propagada pela UN-Habitat & World Health Organization. (2020)

2.1. Intenções e ações diversas para o Centro do Recife

O ateliê *"Inteligências do Centro e pelo Centro: que intenções e ações?"* aconteceu durante a visita de uma missão internacional da cidade francesa de Nantes à cidade do Recife, inserido no programa da Cooperação entre as essas duas "Cidades Irmãs", no mesmo momento em que acontecia um grande evento de Tecnologia e Economia Criativa no Recife denominado Recn'play. Este último, organizado em parceria com a Prefeitura do Recife (Programa Recentro), inseriu a proposição de nosso atelier pedagógico em sua programação oficial, legitimando nossa experiência como uma importante contribuição para o processo de retomada da governança e planejamento do Centro Histórico da Cidade.



Figura 04. Fotos do convite e Atelier Urbano realizado na Rua 1° de Março-Praça da Independência-Centro do Recife
Fonte: arquivo Recentro (Prefeitura do Recife)

Através da prática da observação participante no atual grupo de governança e planejamento do Centro Histórico da Cidade do Recife (Brasil), foi proposta uma metodologia suscetível de envolver simultaneamente atrizes e atores diversos na proposição e discussão de suas respectivas intenções e sugestão de ações para o referido território. Como o primeiro objetivo era o de identificar se havia maior conflito ou coesão nas visões de futuro e interesses de ação entre tais representantes, optou-se por convidar moradores (formal e em situação de rua), trabalhadores (particularmente comerciantes formais e de rua), planejadores (de órgãos públicos e não governamentais), legisladoras/es (especialmente da câmara municipal) e pesquisadora (a própria mediadora da oficina representou a academia). Ao todo foram convidados nove atores representativos para se expressar diretamente, além da comitiva francesa da cidade de Nantes e de um público vasto, convidado pelas redes sociais e no próprio local, para contribuir com o debate.

Havia o desejo de permitir que o encontro presencial pudesse fluir com certa leveza e tranquilidade, apesar do pouco tempo reservado, previsto para acontecer em 45 minutos de falas e 15 minutos de debate com o público. Cada um dos nove representantes teve 5 minutos para expressar suas intenções e sugestões de ações preliminarmente enviadas para a mediadora do atelier e, enquanto falavam, suas respostas iam sendo simultaneamente registradas em papéis tamanho A1 sobre um cavalete em madeira". Um "varal" instalado nas laterais do espaço serviu para expor ao público participante cada uma das respostas à medida em que eram concluídas, dando-lhes a oportunidade de relacioná-las entre si.

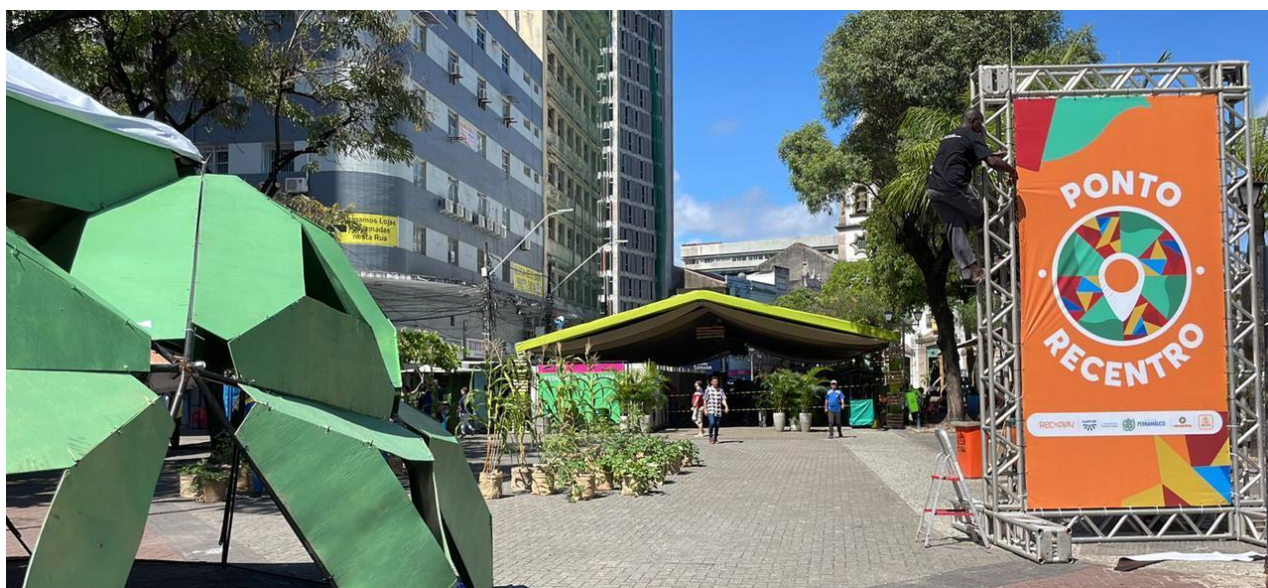


Figura 05. Estrutura efêmera do “Ponto Recentro” à esquerda, montada na Rua para receber eventos e ateliês de pedagogia urbana
Fonte: arquivo Recentro (Prefeitura do Recife)

Ao final das falas representativas a mediadora pôde concluir a primeira parte da dinâmica revelando que, apesar da diversidade de perfis e contextos socioeconômicos de cada “inteligência participante”, nenhuma das intenções expressas e ações sugeridas eram conflitantes entre si. Até mesmo expressões advindas de grupos com adversidades históricas, como os representantes do comércio formal e os comerciantes populares de rua, demonstraram-se complementares e conciliáveis. Do mesmo modo, a intenção e ação sugerida pelo representante das pessoas em situação de rua demonstrou-se complementar àquelas demandadas tanto pelo morador formal como pelos demais representantes presentes.

Cientes de que a efetivação de um processo de governança participativa e planejamento integrado exige uma sucessão de etapas comprometidas com a inclusão social e multidisciplinaridade, a realização de dinâmicas como esta nas etapas preliminares à concepção de Planos Urbanos Integrados parece demonstrar-se como alavanca para a mobilização de diversos atores chaves que, posteriormente, poderão e precisarão engajar-se na elaboração, monitoramento e avaliação dos referidos Planos. Como ressalta o Guia de Introdução ao Planejamento Integrado, elaborado pelo Programa Cidades Sustentáveis¹⁴, “os princípios da gestão democrática e participativa redistribuem os bônus do processo de participação para toda a cidade, priorizando um maior investimento na redução das desigualdades”.

Ao observarmos a tabela da figura 06 podemos constatar, numa análise preliminar, que todos os anseios a longo, médio ou curto prazo tem potencial de serem incluídos nas políticas e projetos locais e, conseqüentemente, atendidos de modo integrado¹⁵. É importante ainda destacar que o atelier em questão não pretendia substituir ou encerrar o amplo processo participativo necessário para a efetivação de planos de longo prazo ou ações de curto e médio prazo. Ao contrário, tinha a principal intenção de sensibilizar os diversos atores participantes sobre a viabilidade de transitarmos do “confronto” para a “coexistência” de inteligências diversas, despertando neles a percepção de uma inclusão e integração possíveis, mesmo que inseridas num território de grande diversidade socioambiental.

¹⁴ https://www.cidadessustentaveis.org.br/arquivos/Publicacoes/Guia_de_Introducao_ao_Planejamento_Urbano_Integrado.pdf

¹⁵ Ressalta-se aqui os limites da metodologia proposta, tanto quantitativamente, no que se refere ao número de participantes, quanto qualitativamente, ao considerar a riqueza de critérios e temas abordar em uma reabilitação sistêmica e sustentável *para este Centro.

QUE INTENÇÕES E AÇÕES PARA O CENTRO DO RECIFE?			
INTELIGENCIAS		INTENÇÕES	AÇÕES
QUEM MORA	Represent. Pessoas em Situação de Rua ¹⁶	“ Segurança para toda a sociedade e um comércio mais aquecido , com lazer e infraestrutura urbana, com investimento em moradia e no turismo”	“ Investir na Arte! Apoiar projetos sociais como o Aurora de Estrelas.” “ <i>A arte me fez ver o mundo de outra forma!</i> ”
	Represent. Moradores formais do centro ¹⁷	“ Evitar o esvaziamento do Centro após o horário comercial”.	“Experimentar estender o horário de funcionamento de equipamentos culturais nos dias úteis”.
QUEM TRABALHA	Represent. Comerciantes populares de Rua ¹⁸	“Colaborar para a implementação de Políticas Públicas que incluam expressivamente trabalhadoras e trabalhadores que resistem ao desemprego informalmente do Centro”	“Criar estruturas de apoio a interlocução para as/os trabalhadoras/es informais com centros de apoio ao trabalho formal. ”
	Represent. Comerciantes formais do centro ¹⁹	“ Fortalecer de modo verdadeiramente inclusivo os principais equipamentos e ruas comerciais do Centro”.	“Reabilitar equipamentos âncoras e ruas da rota comercial do Centro (ex: revitalização do Mercado de São José, Ruas Direita, da Imperatriz e das Calçadas)”
QUEM PLANEJA	Represent. Planejamento Urbano Municipal ²⁰	“Promover Ações Integradas e Multidisciplinares para o Centro, facilitando ações estruturantes ”.	“ Reestruturar a lógica da mobilidade no Centro , tendo como premissa a prioridade absoluta da qualidade da circulação, bem estar e segurança das pessoas estimulando a mobilidade ativa e adotando padrões de acessibilidade universal ”
	Represent. Planejamento Urbano não Governamental ²¹	Que exista um Norte , uma Estratégia onde todos os atores sociais saibam onde querem chegar e tracem os caminhos necessários e integrados para termos o Centro de volta para os recifenses.	Colaborar para o desenvolvimento de um Plano de Desenvolvimento Sustentável e Participativo de longo Prazo para o Centro
QUEM LEGISLA	Represent. Legislativo Câmara dos vereadores ²²	Promover coletivamente um Centro vivo, amado e inclusivo permanentemente	Criar a apoiar políticas públicas apropriadas para ocupação e reocupação do centro (ex: políticas de renúncia fiscal, incentivo à moradia inclusiva para públicos diversos e com uso misto)
	Represent. Assessoria de Urbanismo Câmara dos vereadores ²³	Integrar as partes deste Centro como um organismo vivo , colaborando para a existência de um pacto político pelo centro, convergindo ações nos diversos campos de atuação do poder público e interesses da sociedade	Elencar 5 propostas da FPC que tenham convergência e viabilidade de implementação em curto/médio prazo, c/ maior poder de reverberação e sinergia (ex: plano diretor estratégico)
QUEM PESQUISA	Represent. Pesquisadores Universitários pelo Centro ²⁴	Recuperar a Lucidez , resgatar o afeto e a saúde das pessoas e do ambiente do Centro	Reabilitar o centro a partir da Avenida Dantas Barreto , como eixo estruturador e conector de todo o patrimônio cultural do Território.

Figura 06: Tabela das Intenções e sugestões de Ação de curto prazo do Atelier “Inteligências do Centro e pelo Centro”; Fonte: autores

¹⁶ Representante do Movimento Aurora de Estrelas; entrevistado pessoalmente após a oficina (25/11/2023) durante uma ação do Movimento na Rua da Aurora (no dia da oficina o representante convidado não pode comparecer);

¹⁷ Morador do Bairro de Santo Antônio, ativista pela mobilidade ativa e funcionário da Prefeitura do Recife;

¹⁸ Ex Presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Informais e atual presidente do Movimento dos Trabalhadores sem Direitos;

¹⁹ Presidente da Associação de Lojistas do Centro do Recife;

²⁰ Presidente do Instituto das Cidades Pelópidas Silveira - Prefeitura do Recife;

* complemento: “...”

²¹ Presidente da Organização Social ARIES - Agência Recife para Inovação e Estratégia;

²² Vereadora do Recife - Idealizadora e Presidente da Frente Parlamentar pelo Centro;

²³ Assessora de Urbanismo da Vereadora Cida Pedrosa - Coordenadora Executiva da Frente Parlamentar pelo Centro;

²⁴ Professora e Pesquisadora da Universidade Católica de Pernambuco- Coordenadora Executiva do Plano Centro Cidadão;

2.2. A Rua como plataforma de integração, inclusão e experimentação

Aqui buscaremos avaliar as contribuições do atelier visando responder à segunda questão: teriam as ruas do Centro potencial para funcionar como plataformas de integração e inclusão das diversas intenções e sugestões de ações expressas pelos participantes? Ou, em outras palavras, é possível ativarmos um modelo de governança mais integrada e inclusiva a partir da rua?

Ao analisar as 9 intenções percebemos que todas elas têm alguma ou importante relação com o planejamento e reabilitação dos espaços públicos viários. Mesmo apresentando caráter mais subjetivo, amplo ou prospectivo, as intenções expressas permitem vislumbrarmos alguns caminhos de efetivação e, dentre eles está o planejamento integrado e inclusivo das ruas ou sistema de ruas e rotas locais.

Quanto à análise das sugestões de ação, por sua vez, identificamos que 4 dentre as 9 estão diretamente relacionadas a intervenções que abrangem o planejamento integrado dos 4 “elementos de desenho da coexistência” da Rua Cidadã, anteriormente citados (a arquitetura, a mobilidade, a natureza e o mobiliário+infraestrutura) e as outras 5 tem suporte em políticas ou iniciativas mais amplas, não diretamente especializados, mas que podem ter a rua como espaço de experimentação.

Um importante aspecto a destacar é que estamos diante de um alinhamento ou cruzamento de interesses bastante oportuno e estratégico. De um lado, estamos presenciando uma busca pela retomada e reconfiguração da governança e planejamento da área Central do Recife que há décadas estava desprestigiada. De outro, estamos com a oportunidade de promover ainda mais essa área por esta ser, também, o território estratégico de estudos e experimentações da Cooperação internacional entre as Cidades de Recife e Nantes (FR).

Estamos assim lidando com um território de interseção de afetos e fluxos, que é o Centro Histórico da cidade (com significado ou sentido para todos), juntamente à oportunidade de priorizar políticas e projetos voltados para as Ruas, espaços de interseção por excelência, seja de de pessoas, de desafios ou de oportunidades.

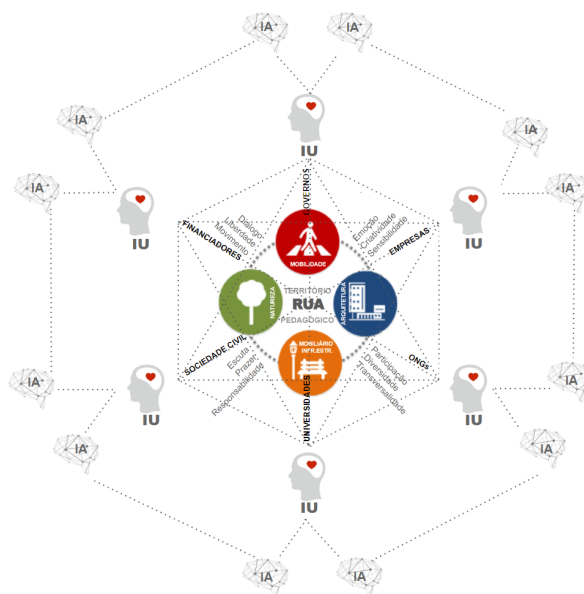


Figura 07: A Rua como alavanca da Rede colaborativa de Inteligências Urbanas e de sua governança sustentável no Planejamento Integrado Local; Fonte: Autores

2.3. A Cooperação Recife-Nantes como catalisadora de uma governança sustentável e inteligente

O mecanismo das cooperações internacionais, como é o caso da Cooperação entre as cidades do Recife e de Nantes (FR), permite catalisar diversos processos e projetos, abrindo perspectivas para a experimentação e prototipação de algumas ou várias intenções e sugestões de ação aqui demonstradas.

Desde a retomada da Cooperação em 2018 o espaço público e, mais particularmente, o planejamento sustentável das ruas demonstraram-se como uma das principais forças da cidade de Nantes e de sua metrópole; Seja pela sua expertise no planejamento integrado metropolitano da iluminação pública ou pelo rico e contínuo processo de reabilitação criativa da Ile de Nantes, lastreado pelo sistema de espaços públicos com sua rede de vias conectoras.

Os dois Eixos norteadores iniciais da cooperação são o Planejamento Urbano Sustentável e Inclusivo e as Smart Citys e os City Labs. Mais recentemente, os temas das Transições Ecológicas e da Redução das Desigualdades sociais ganharam mais força, influenciando ainda mais os encaminhamentos da parceria.



Figura 08: Atelier colaborativo Recife-Nantes, preliminar ao Atelier "Inteligências do Centro.."; Fonte: acervo Recentro

Um dos pontos fortes dessa relação é o estímulo, em ambas as cidades metropolitanas, à inclusão e integração de atores acadêmicos, empresariais, do terceiro setor, da sociedade civil e de órgãos financiadores no processo de governança urbana capitaneada pelo poder público. Ao se definirem territórios estratégicos de troca e experimentação, a cooperação permite mobilizar atores locais com maior engajamento.

A luz do conceito do “desenvolvimento urbano sustentável” Yann Ferguson (2011) ressalta que “para passar de uma retórica à realização de um projeto (ou política), o contexto deve abrir a via para formas de governança inovadoras, engajando a descompartimentação do sistema de atores.” Ele reforça também que “o projeto (ou plano urbano) deve gerar uma identidade, uma 'oferta de sentido', uma 'história de fundação', definindo claramente os objetivos a serem alcançados.”

Com menos de dois anos de criação do “Gabinete do Centro do Recife” e do lançamento do seu principal Programa de Reabilitação (o “Recentro”), a Prefeitura do Recife ainda se encontra na fase preliminar da elaboração de um Plano de Longo Prazo para a área central da Cidade. Seja qual for a estratégia de planejamento a ser definida, parece incontestável a consideração da rede colaborativa de Inteligências urbanas, locais e internacionais, bem como do poder das ruas enquanto alavancas da sustentabilidade.



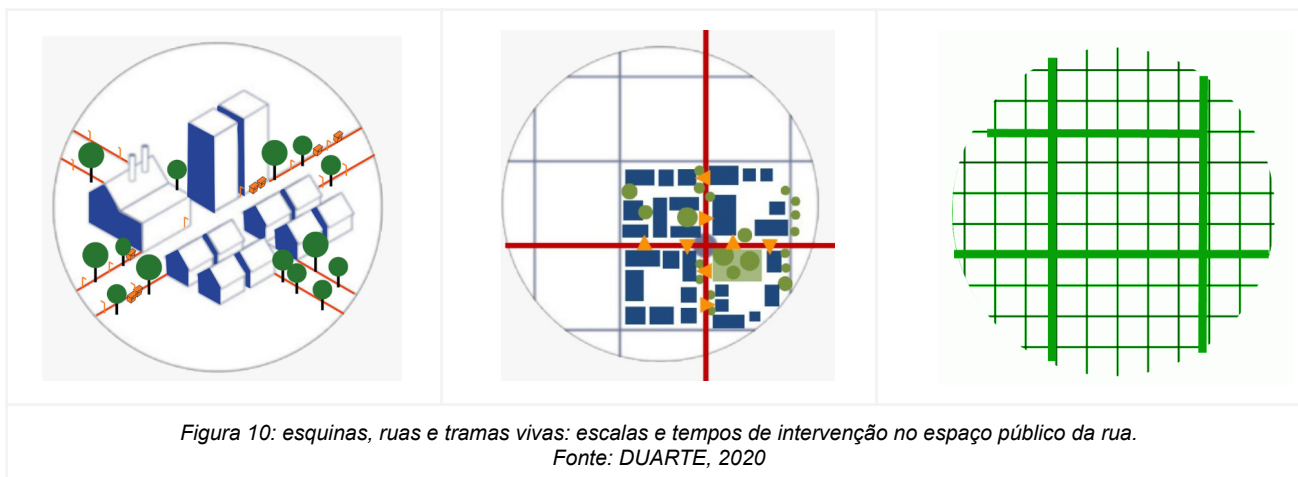
Figura 09: A Rua como alavanca da Rede colaborativa de Inteligências Urbanas e da governança sustentável na Cooperação internacional Recife Nantes; Fonte: Autores

3. Discussão e Conclusão: chaves para uma governança inteligente e sustentável do Central do Recife

Para além de abordar um método experimental de inclusão e integração de inteligências urbanas na governança e planejamento urbanos, buscaremos concluir esse ensaio refletindo sobre possíveis estratégias de planejamento e ação urbana, a partir do estudo de caso do Centro Histórico do Recife.

Assim, com o intuito de estimular outras discussões, sensibilizar e engajar as inteligências locais e internacionais, ilustramos aqui, esquematicamente, os espaços, os tempos e as escalas de reabilitação, sendo a Rua, do seu cruzamento à complexa trama urbano-metropolitana, o principal suporte das metodologias de pedagogia urbana e das estratégia de planejamento e ação. Com etapas e objetivos mais inteligíveis visualizamos um caminho viável de colaboração com o processo de transição da governança e do planejamento urbano do Centro do Recife, da cidade como um todo e, porque não, de outras realidades urbanas. Destacamos então a importância de fomentar: 1) *Dispositivos de pedagogia urbana e inclusão social* (atores + espaços): ateliers, ações e experimentações coletivas, integradas e inclusivas; 2) *Estratégias inteligíveis de planejamento e ação* (tempos + escalas): a) esquinas vivas (experimentações e ações de curto prazo); b) ruas e rotas vivas e cidadãs (planejamento/ação de médio prazo); c) tramas vivas (regulamentos e planos de longo prazo para integrar as “tramas verdes e azuis” da cidade à toda “trama viária” como sistema vivo, promotor da saúde e sustentabilidade urbanas).

Para além de uma governança que integre e inclua o sistema de atores e inteligências locais, o Centro carece de uma estratégia de Planejamento que considere os diversos tempos e escalas de intervenção. Planejar do macro para o micro, agir do micro para o macro, incluindo e integrando inteligências em todas os tempos e escalas territoriais. O olhar sistêmico não invalida a necessidade de ações pragmáticas quando preciso. Assim, o “pensar global e agir local”, máxima da sustentabilidade, ganha um território de compreensão, prática e atuação comum: A RUA.



Sobre a necessária intersecção entre os tempos (prazos de realização das políticas e projetos), os territórios (com suas diversas escalas de intervenção) e os atores (ou inteligências urbanas), Sylvain Grisot cita o conceito de “*system design*”, do pesquisador Stephan Kampelmann, como um exercício não tão simples, mas que requer estar no “coração do processo” para lhe conhecer e, ao mesmo tempo, se distanciar para compreender.²⁵

Para reduzir as desigualdades e responder às emergências climáticas, (re)planejar coletivamente a cidade é urgente. Ao mesmo tempo, “trabalhar a cidade é também aceitar não ver suas ideias tomarem forma durante anos, décadas. Semear os grãos sem saber se eles vão germinar, nem como irão crescer.”²⁶

²⁵ Grisot, 2021:

²⁶ Idem: 192.

4. Referencias

- Chesneau, I., & Chauvier, É. (Éds.). (2021). *La ville mot à mot*. Parenthèses.
- Donovan, J. (2018). *Designing the compassionate city: Creating places where people thrive* (1 Edition). Routledge, Taylor & Francis Group.
- Duarte, C.; Albuquerque, Lais. (2021). *Public Space and Sustainability: urban streets and citizen coexistence spaces*. in: Research Tracks in Urbanism: Dynamics, Planning and Design in Contemporary Urban Territories. [https://online.vitalsource.com/books/9781000464139]: Taylor & Francis. Pages 60-67.
- Duarte, C., Câmara, A., Silva, P.(coords.) (2018). *Plano Centro Cidadão: Estudo preliminar de desenho urbano do setor de ensino e conhecimento do Centro Continental do Recife*. Vol. 04. Recife: Fasa.
- Duarte, C. (2020). *Espaços Públicos e Sustentabilidade: cultura, governança e projeto*. Projeto de Tese doutoral da Universidade de Toulouse (Escola Doutoral TESC). Toulouse: ENSA-LRA.
- Ferguson, Y. (2011). *Les conditions de gouvernabilité du développement urbain durable*. in: Béal, V., Gauthier, M., & Pinson, G. (2011). *Le développement durable changera-t-il la ville ? Le regard des sciences sociales*. (342-362). Publications de l'Université de Saint-Étienne.
- Fijalkow, Y. (2021). *Récits de la ville malade : Essai de sociologie urbaine*. Créaphis éditions.
- Gehl, J. (2011). *Life between buildings : Using public space*. Island Press.
- Grisot, S. (2021). *Manifeste pour un urbanisme circulaire : Pour des alternatives concrètes à l'étalement de la ville*. Éditions Apogée.
- Gwiazdzinski, L., & Cholat, F. (2021). *Territoires apprenants : Un processus d'apprentissage émergent à l'épreuve du réel*. Elya éditions.
- Kalampalikis, N. (2019). *Serge Moscovici : Psychologie des représentations sociales*.
- Masbouni, A., Gravelaine, F. de, & Piano, R. (Éds.). (2005). *Penser la ville heureuse—Renzo Piano* (1. éd). Ed. de la Villette.
- Mattern, S. C. (2021). *A city is not a computer : Other urban intelligences*. Princeton University Press.
- Merlin, P., & Choay, F. (2015). *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement* (4e éd. entièrement refondue). PUF.
- Michon, P. (2019). *Les biens communs : Un modèle alternatif pour habiter nos territoires au XXI siècle*. Presses universitaires de Rennes.
- Rapoport, A., & Rapoport, A. (2003). *Culture, architecture et design*. Infolio Éditions.
- Tartakowsky, D., Cornette, J., Fureix, E., Gauvard, C., & Galiou, C. (Éds.). (2022). *Histoire de la rue : De l'antiquité à nos jours*. Paris.
- UN-Habitat & World Health Organization. (2020). *Integrating health in urban and territorial planning : A sourcebook*. World Health Organization.

Fontes electrónicas

<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> (consulta: 25/02/2023)

https://www.cidadessustentaveis.org.br/arquivos/Publicacoes/Guia_de_Introducao_ao_Planejamento_Urbano_Integrado.pdf (consulta: 20/02/2023)

<https://portal.unicap.br/unimpact> (consulta: 26/05/2023)

<https://apps.who.int/iris/handle/10665/331678> (consulta: 22/04/2023)